

**FACULDADE PATOS DE MINAS
DEPARTAMENTO GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
CURSO BACHARELADO EM ENFERMAGEM**

WASHINGTON DAVI SILVA

**A ENFERMAGEM NA ASSISTÊNCIA A CRIANÇA COM TRANSTORNO DO
ESPECTRO AUTISTA: possibilidades de atuação e relação**

**PATOS DE MINAS
2023**

WASHINGTON DAVI SILVA

**A ENFERMAGEM NA ASSISTÊNCIA A CRIANÇA COM TRANSTORNO DO
ESPECTRO AUTISTA: possibilidades de atuação e relação**

Artigo apresentado à Faculdade Patos de Minas como requisito para conclusão do Curso de Graduação em Enfermagem para finalidade de obtenção do título de Bacharel, podendo gozar dos direitos de enfermagem.

Orientadora: Profa. Ma. Marlene Aparecida Lopes Ferreira Del Ducca

**PATOS DE MINAS
2023**

**FACULDADE PATOS DE MINAS
DEPARTAMENTO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
Curso Bacharelado em Enfermagem**

WASHINGTON DAVI SILVA

**ENFERMAGEM NA ASSISTÊNCIA A CRIANÇA COM TRANSTORNO DO
ESPECTRO AUTISTA: possibilidades de atuação e relação.**

Banca Examinadora do Curso de Bacharelado em Enfermagem, composta em 23 de novembro de 2023.

Orientadora: Prof.^a Ma. Marlene Aparecida Lopes Ferreira Del Ducca
Faculdade Patos de Minas

Examinadora 1: Prof.^a Ma. Elizaine Aparecida Guimarães Bicalho
Faculdade Patos de Minas

Examinador 2: Prof. Dr. Saulo Gonçalves Pereira
Faculdade Patos de Minas

DEDICO este trabalho ao meu filho Gabriel, motivo de alegria e incentivo para realização desse sonho!

Dedico também, aos pais que tem filhos portadores do TEA e que nunca desistiram de buscar melhores condições de vida para eles. O carinho e o amor de vocês é o melhor tratamento.

AGRADECIMENTOS

À Deus por iluminar meu caminho e me guiar para as melhores escolhas rumo a realização do meu sonho!

Ao meu filho Gabriel Davi Moreira, que ainda tão pequeno é motivo para que eu seja melhor, e acredite na minha capacidade!

À minha esposa Cristiane Braz Moreira pelo apoio nessa minha conquista!

Aos meus familiares que sempre me apoiaram!

À minha orientadora Prof.^a Ma. Marlene Del Ducca, excelente profissional e pessoa. Vou levar como exemplo para minha vida. Por seus valiosos ensinamentos, dedicação, paciência e compreensão, serei eternamente grato!

Aos professores do curso de Enfermagem que compartilharam seu conhecimento e acompanharam minha jornada acadêmica!

Aos colegas por todos esses anos de convivência!

À coordenadora do Curso de Enfermagem, Prof.^a Ma. Elizaine Bicalho e a professora de trabalho de conclusão de curso, Prof.^a Dra. Luciana de Araújo Mendes Silva, pelo empenho.

O Autismo não limita as pessoas. Mas preconceito sim, ele limita a forma com que a vemos e o que achamos que elas são capazes.

Letícia Buttenfield

A ENFERMAGEM NA ASSISTÊNCIA A CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: possibilidades de atuação e relação

NURSING IN THE CARE OF CHILDREN WITH AUTISTIC SPECTRUM DISORDER: possibilities for action and relation

Washington Davi Silva¹

Marlene Aparecida Lopes Ferreira Del Ducca²

RESUMO

O transtorno do espectro autista (TEA) é uma disfunção complexa e abrangente do neurodesenvolvimento com diversas manifestações clínicas, caracterizadas por distúrbios na comunicação verbal e não verbal e por padrões de interação social restritos, comportamento, interesses e atividades repetitivos e estereotipados. O desafio do tratamento do TEA se inicia na infância com um diagnóstico precoce pois, apesar do TEA ainda não apresentar cura, a intervenção terapêutica permite a criança maior autonomia e independência. Essa pesquisa aborda a utilização de alternativas terapêuticas, de grande importância como estratégia de intervenção no desenvolvimento da criança com TEA, além de buscar conhecer e compreender sobre a atuação da enfermagem junto a essas crianças. Assim sendo, optou-se pela revisão bibliográfica através de abordagem qualitativa. Para o estudo e desenvolvimento da pesquisa foram utilizados para análise, artigos publicados em bases de informação eletrônica, como a Biblioteca Virtual em Saúde do Brasil e de Enfermagem (BVS), Scientific Electronic Library Online (Scielo), Google Acadêmico, dissertações e teses publicados entre os anos de 2018 a 2023. Espera-se após a realização da pesquisa uma melhor compreensão sobre o tema proposto, além de oferecer para a comunidade acadêmica um material de aprendizado e estímulo para outros estudos sobre TEA e enfermagem. Após análise do conteúdo utilizado como base bibliográfica para desenvolvimento da pesquisa foi possível concluir que os profissionais de enfermagem possuem atuação relevante tanto auxiliando a identificar possíveis pacientes autistas e encaminhá-los para que possa ser realizado diagnóstico definitivo, como servir de ligação entre pacientes e familiares para buscar por novas alternativas que possam pelo menos oferecer melhor qualidade de vida aos portadores e orientações aos familiares.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista. Diagnóstico precoce. Alternativas terapêuticas. Enfermagem

ABSTRACT

Autism Spectrum Disorder (ASD) is a complex and comprehensive neurodevelopmental disorder with various clinical manifestations, characterized by

¹ Graduando em Enfermagem pela Faculdade Patos de Minas-FPM. washington08913@alunofpm.com.br

² Docente da Faculdade Patos de Minas-FPM. Mestre em Promoção de Saúde pela Universidade de Franca – UNIFRAN. marlene.ducca@faculadepatosdeminas.edu.br.

verbal and non-verbal communication disorders, restricted social interaction patterns, and stereotyped and repetitive behavior, interests, and activities. The challenge of treating ASD starts in early childhood because, yet not curable, therapeutic intervention allows ASD children to have greater autonomy and independence. This research addresses using therapeutic alternatives as an intervention strategy for children with ASD development and researches the role of nursing with these children. We, therefore, opted for a bibliographical review using a qualitative approach. For the study and development of the research, were used articles published in electronic information bases, e.g., the Virtual Health Library of Brazil and Nursing (BVS), Scientific Electronic Library Online (Scielo), Google Scholar, dissertations and thesis published between 2018 and 2023. The research provides a better understanding of the proposed topic and offers the academic community a learning material and stimulus for further studies on ASD and nursing. After analyzing the content used as a bibliographic basis for the research, it was possible to conclude that nursing professionals have a relevant role in helping to identify prone autistic patients and refer them. Hence, a definitive diagnosis can be made and liaised between patients and family members in the search for new alternatives to enhance patients' quality of life and guide family members.

Keywords: Autistic Spectrum Disorder. Early diagnosis. Therapeutic alternatives. Nursing.

1 INTRODUÇÃO

O termo autismo mencionado em 1906 por um psiquiatra suíço chamado Plouller, teve sua denominação alterada para Transtorno do Espectro Autista (TEA). Se refere a um distúrbio que interfere no neurodesenvolvimento, é uma síndrome comportamental, a criança tem dificuldade de interação social, de comunicação, anormalidades essas já perceptíveis precocemente nos primeiros anos de vida, podendo o diagnóstico ser definido em decorrência dos sinais apresentados já aos 3 anos de idade, persistindo até a vida adulta. Segundo dados epidemiológicos publicados a cada mil nascidos, 14,7% crianças apresentam autismo (SCHMIDT, 2017). Considerada uma síndrome comportamental, o TEA se caracteriza por difícil interação pessoal e intercomunicação prejudicada. Já na infância a criança apresenta comportamento limitado e inalterável. No entanto, sua causa ainda permanece desconhecida (PINTO *et al.*, 2016).

A atuação do profissional de enfermagem é fundamental, pois além de seu auxílio no diagnóstico, que ainda permanece apenas na forma clínica, ao observar a criança com autismo durante a assistência e através de seus relatórios, assiste também aos familiares esclarecendo e conscientizando sobre o tratamento proposto, e a importância da utilização de alternativas terapêuticas, que são possibilidades

que despontam na assistência (BONFIM *et al.*, 2018). Também é importante buscar por alternativas que possam auxiliar no desenvolvimento de interação e comunicação da criança no sentido de diminuir os transtornos da síndrome. No Brasil a lei 13.861/2019, incluída nos censos demográficos do IBGE, a partir de 2020, retrata o número dos acometidos por TEA (BRASIL, 2019).

O autismo se encontra na Classificação Internacional de Doenças (CID 10 – F84) pela Organização Mundial de Saúde (OMS) por dizer respeito a um tema de saúde mental, que tem alterações cerebrais no indivíduo que a possui e, também, por afetar a aprendizagem. Por este motivo, este transtorno pode ocorrer tanto de modo isolado, como associado a outras comorbidades ou transtornos (OMS, 2019).

Assim sendo, o Transtorno do Espectro Autista (TEA) engloba diferentes condições marcadas por perturbações do desenvolvimento neurológico, todas relacionadas a dificuldades no relacionamento social.

Frente ao contexto apresentado, a justificativa para realizar este trabalho está na necessidade de obter maiores informações e conhecimento, já que o tema não faz parte dos estudos foco da graduação e, também, por perceber que a enfermagem precisa adquirir maior conhecimento sobre essa problemática para poder prestar assistência de excelência às crianças com esse transtorno e aos seus familiares (BONFIM, 2018).

Além disso, o enfermeiro precisa conhecer, já que seu dever não é apenas cuidar, mas promover saúde, além de estabelecer estratégias de cuidado, aproximação e desenvolvimento do indivíduo com esse transtorno, sendo para isso necessário compreender para saber atuar. É preciso buscar alternativas que possam ser uma solução para minimizar os problemas apresentados pelo indivíduo com Transtorno do Espectro Autista; propostas que deveriam ser estimuladas pela equipe multidisciplinar junto a criança por ocasião do atendimento como a dançoterapia, a musicoterapia, a equoterapia, Yoga, teatro, dinâmicas de relacionamento entre equipe profissional e a criança, melhores formas de atuação e relação (BONFIM, 2018).

Assim sendo, o objetivo principal deste trabalho é compreender a atuação da equipe de enfermagem na assistência à criança com Transtorno do Espectro Autista.

Os objetivos específicos estabelecidos foram: alertar para os sinais de risco para a presença da patologia, ser material de leitura para orientar a equipe de enfermagem quanto à conduta nos atendimentos; discutir sobre a conscientização

dos pais quanto a importância da adesão ao tratamento, inclusive os alternativos, perceber o desenvolvimento da criança por ocasião do uso das alternativas terapêuticas, além de observar seu desenvolvimento biopsicossocial.

Como ainda não existe cura para o TEA e, tendo em vista não ser uma doença, o tratamento objetiva contribuir para que os pacientes consigam adquirir independência na realização das atividades de vida diária através de estimulação precoce. Também é importante buscar por alternativas que possam auxiliar no desenvolvimento de interação e comunicação da criança no sentido de diminuir os transtornos da síndrome, o que deve ser uma meta da enfermagem.

2 METODOLOGIA

Essa pesquisa procurou saber a respeito do conhecimento da enfermagem sobre a ocorrência e manifestação do Transtorno do Espectro Autista em crianças. Assim sendo, optou-se pela revisão bibliográfica através de abordagem qualitativa. Para o estudo e desenvolvimento da pesquisa foram utilizados artigos publicados em bases de informação eletrônica, como Biblioteca Virtual em Saúde do Brasil e de Enfermagem (BVS), *Scientific Electronic Library Online (Scielo)*, Google Acadêmico, dissertações e monografias, todos publicados no período de 2018 a 2023.

Como palavras-chave para a busca de materiais foram utilizados os termos: Transtorno do Espectro Autista; Enfermagem; Assistência; Alternativas terapêuticas.

3 TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

O TEA, ainda é pouco conhecido e discutido, gerando dúvidas e insegurança nos familiares e profissionais de saúde que prestarão assistência ao paciente, pois apresentam importante atraso no desenvolvimento neuropsicomotor, comportamento repetitivos de fala, além de apresentarem dificuldades com situações de mudança, desconcentração, irritabilidade, agitação, interação social (VILAR *et al.*, 2019).

Estudos demonstram que com relação ao autismo infantil, uma a cada 160 crianças pode manifestar esse transtorno neurológico, que tende a aumentar verticalmente de forma global, decorrente a evolução dos critérios diagnósticos e identificação precoce, associados a uma maior conscientização dos envolvidos (OPAS, 2017).

Seu diagnóstico é realizado de forma clínica por meio do comportamento da criança, por não existirem exames laboratoriais que o confirme, o que acarreta na demora em estabelecer o diagnóstico, se tornando numa das grandes dificuldades encontradas pelos envolvidos no tratamento (MAIA *et al.*, 2016).

É importante que seja feito o diagnóstico precoce, permitindo assim, que a criança seja encaminhada para intervenções, o que favorecerá o seu desenvolvimento evitando a manifestação crônica da patologia. O diagnóstico de TEA geralmente é considerado definitivo após os 3 a 5 anos de idade. Sendo assim, estudos mencionam que a identificação para autismo deve acontecer de forma precoce, por meio das consultas de crescimento e desenvolvimento da criança na assistência básica. A intervenção precoce potencializa o desenvolvimento da criança com TEA e contribui para um melhor prognóstico (SEIZE; BORSA, 2017).

Assim sendo, o diagnóstico e tratamento precoce do TEA são essenciais para a evolução clínica da criança, pois a viabiliza em alcançar resultados positivos em nível físico, funcional, mental e social (CORREA *et al.*, 2021).

O Transtorno do Espectro Autista engloba diferentes condições marcadas por perturbações do desenvolvimento neurológico, todas relacionadas com dificuldade no relacionamento social. É uma condição mostrada por déficit na comunicação social (socialização e comunicação verbal e não verbal) e comportamental (interesse restrito ou hiperfoco e movimentos repetitivos). É um transtorno no desenvolvimento neurológico da criança que gera alterações na comunicação, dificuldade ou ausência de interação social e mudanças no comportamento. É importante ressaltar que o autismo não é uma doença, mas sim um modo diferente de se expressar e reagir, que, apesar de não ter cura, não se agrava com o avançar da idade. No entanto, quanto mais cedo for realizado o diagnóstico e iniciado o tratamento, melhor será a qualidade de vida e a autonomia da criança (BRASIL, 2019).

Rastrear a população de risco tem importância, ao possibilitar o encaminhamento para diagnóstico e intervenção em idade precoce (CORREA *et al.*, 2021).

Da mesma forma, a participação dos familiares da criança com TEA no atendimento e tratamento é de grande importância para que adquiram conhecimento e habilidades importantes que possibilitem a vivência da criança no meio social e educacional (CARVALHO FILHA *et al.*, 2021).

Dessa forma, é importante que a família seja inserida e acompanhe o desenvolvimento da criança por ocasião do atendimento, uma forma de participar das fases ou etapas do diagnóstico, inserindo-a no acompanhamento do desenvolvimento do tratamento e das possíveis ocorrências ou riscos que possam advir (MAIA *et al.*, 2016).

Estudos demonstram a relevância da utilização de alternativas terapêuticas aos portadores de TEA, como a musicoterapia, a dança terapia e outros o que pode contribuir para socializar, interagir, comunicar e, também, para minimizar o isolamento social do portador (BONFIM *et al.*, 2018).

3.1 Caracterizando Transtorno do Espectro Autista

Na Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde - CID 10 (OMS/OPAS, 2017), o TEA é descrito como Autismo Infantil e se enquadra nos Transtornos Globais do Desenvolvimento (MACHADO *et al.*, 2018).

Estudos observaram um aumento no número de crianças com TEA, sendo os meninos os mais diagnosticados por serem mais suscetíveis ao distúrbio neurológico, umas proporções de quatro homens para cada mulher, o que é preocupante e tem impacto negativo na sociedade. É sabido que os pais têm dificuldade de compreender o significado do TEA, muitas vezes por falta de informação, e na maioria das vezes, quem mais percebe os sinais e sintomas é o profissional da educação, pois passa mais tempo socializando com o paciente (SEIZE; BARBOSA, 2017; BONFIM, 2018; BARBOSA; NUNES, 2019).

Os portadores de TEA gozam de todos os direitos inerentes à pessoa humana, porém, em 2012, o Governo Federal instituiu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, conhecida como Lei Berenice Piana (n. 12.764/2012), que determina o direito da pessoa autista a um diagnóstico precoce e a tratamentos oferecidos pelo Sistema Único de Saúde (SUS), bem como acesso e oportunidade de inserção no mercado de trabalho que proporcionem igualdade e equidade para todos (BRASIL, 2012).

As características do transtorno são descritas em tríades de comportamentos específicas como, interações sociais apresentando deficiências graves, dificuldade na comunicação verbal e não verbal, atividades criativas inexistentes, presença de

comportamentos repetidos e estereotipados. Os portadores de TEA tendem a ter pouca flexibilidade às mudanças de rotina, apresentam interesses e atividades restritas e repetitivas. Dessa forma, a família cria rotina a uma série de aspectos que envolvem as atividades diárias, aplicadas tanto a atividades novas como aos hábitos já existentes. É importante que a família tenha um excelente relacionamento e nível de atenção com a criança, respeitando e tentando entender inclusive sua inflexibilidade às mudanças. Da mesma forma, entender que indivíduos portadores de TEA podem ter dificuldade para dormir e apresentar nervosismo ou agitação frequentes. Estes sinais podem ser tão leves que algumas vezes acabam despercebidos, mas também podem ser moderados a graves, interferindo no comportamento e na comunicação (ZANOLA *et al.*, 2019).

Pelo fato de o TEA não ter um fator preciso para o diagnóstico conclusivo, ele passa a ser feito através de avaliações do quadro clínico da criança, não existindo testes específicos para sua detecção, não apresentando um marcador biológico.

Assim sendo, as alternativas terapêuticas têm sido de grande importância ao serem utilizadas como possibilidade de tratamento e inclusão dos portadores da síndrome. Nesse sentido, a utilização de animais no processo terapêutico não medicamentoso, tem sido de grande valia podendo acontecer de forma individual ou coletiva conforme a necessidade da criança (SANTOS *et al.*, 2020).

4 ALTERNATIVAS TERAPÊUTICAS NO TRATAMENTO DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Atualmente, por meio de métodos que permitem o diagnóstico de forma mais precoce, antes dos três anos de idade e, as novas possibilidades de tratamento utilizadas que não as medicamentosas, mas principalmente através de alternativas terapêuticas, fato que facilita a interação, é possível afirmar que a criança portadora do TEA cresce com menos prejuízos, vislumbrando resultados mais eficazes. No tratamento do transtorno do espectro autista é necessário adotar uma abordagem multidisciplinar que possa abranger aspectos comportamentais e educacionais. É válido ressaltar que muitos pais e profissionais procuram opções de tratamento para complementar as abordagens convencionais.

Os tratamentos alternativos para o autismo referem-se às intervenções terapêuticas que não são incluídas nos tratamentos convencionais amplamente

reconhecidos, como terapia comportamental ou ocupacional. Esses tratamentos alternativos são frequentemente embasados em abordagens complementares, tais como equoterapia, musicaterapia, terapia sensorial e natação, dentre outros. É importante enfatizar que a seleção dessas terapias complementares deve ser criteriosa, levando em consideração a eficácia, segurança e individualidade de cada paciente com TEA. É importante destacar que a falta de informações sobre terapias complementares não é apenas limitada às pessoas em geral, mas também aos profissionais, incluindo aqueles na área da enfermagem. Isso ocorre devido à escassez de artigos e estudos que abordam a aplicação e recomendação dessas terapias no cuidado de crianças autistas. Ao compararmos esse cenário com os estudos realizados sobre o autismo em si, observamos um crescimento significativo na quantidade de pesquisas, como relatado nesta revisão integrativa atual. Portanto, há uma necessidade de expandir o conhecimento e explorar mais a fundo o uso e os benefícios das terapias complementares para o cuidado dessas crianças (SOUZA, 2018).

4.1 Equoterapia

A equoterapia é uma modalidade terapêutica que incorpora a interação com cavalos como parte integrante de um programa de tratamento. Acredita-se que a interação com os cavalos e o movimento rítmico do cavalo possa promover o desenvolvimento motor, a regulação sensorial e a interação social em indivíduos com TEA. Estudos preliminares sugerem que a equoterapia pode ter efeitos positivos no equilíbrio, na coordenação motora e na comunicação das crianças. Ela é reconhecidamente terapêutica e educacional ao utilizar o cavalo como uma ferramenta de mediação dos movimentos, demonstrando resultados positivos. A marcha do cavalo durante as sessões promove estímulos sensoriais que melhoram o quadro clínico, favorecendo o desenvolvimento psicomotor, intelectual e interação física. É importante conhecer como a equoterapia é aplicada e avaliada em relação aos seus efeitos específicos em crianças com Transtorno do Espectro Autista e sobre os benefícios dessa abordagem terapêutica nesse contexto específico (SILVA *et al.*, 2018; ARAÚJO, 2014). As práticas de equoterapia são embasadas em princípios técnicos e científicos. O início do atendimento equoterápico requer uma avaliação médica, psicológica e fisioterapêutica. É fundamental que todas as atividades sejam conduzidas por uma equipe multiprofissional com abordagem

interdisciplinar, abrangendo o maior número possível de profissionais das áreas de saúde, educação e equitação. Embora as sessões possam ser realizadas em grupo, o planejamento e o acompanhamento devem ser personalizados, de modo a monitorar o progresso do trabalho e avaliar os resultados alcançados. É imprescindível manter registros periódicos e sistemáticos das atividades realizadas com os participantes para documentar e acompanhar seu desenvolvimento (LOPES *et al.*, 2019).

4.2 Musicaterapia

A musicaterapia, embora não seja tão amplamente difundida como outras terapias convencionais, tem se estabelecido como uma opção de tratamento alternativa para questões relacionadas à saúde, desempenhando um papel significativo ao auxiliar indivíduos com autismo em diversas áreas do cotidiano e profissional. Essa abordagem terapêutica tem demonstrado melhorias na interação social, na comunicação verbal e não verbal, dentre outros aspectos. A musicoterapia atua de forma a modificar o humor e as emoções, proporcionando distração e diminuindo o foco na dor, além de servir como uma forma de escape da realidade, reduzindo situações de estresse e proporcionando alívio mental, amplamente reconhecida como uma intervenção eficaz e respaldada por evidências científicas, que utiliza elementos musicais, como melodia, harmonia e ritmo, para atender às necessidades físicas, emocionais, cognitivas e sociais de indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Essa abordagem terapêutica envolve a interação musical improvisada e emocionalmente significativa, priorizando os interesses individuais da criança. Além disso, considera-se importante definir categorias para avaliar o desenvolvimento do envolvimento afetivo e dos comportamentos de comunicação não verbal e verbal durante as sessões de musicoterapia (OLIVEIRA; LAMPREIA, 2017).

A música como forma de arte tem sido apreciada ao longo dos tempos e tem desempenhado um papel terapêutico desde o século XIX. Essa abordagem foi oficialmente tratada no Brasil pela Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC), através da portaria nº 849, em 27 de março de 2017. A musicaterapia é uma disciplina científica que utiliza elementos como ritmo, melodia,

alguns instrumentos musicais de maneira abrangente, com o objetivo de influenciar positivamente o indivíduo e atender às suas necessidades terapêuticas. Essa abordagem terapêutica promove benefícios para a criatividade, audição, circulação, exercícios e reflexos (BRASIL, 2017).

A enfermagem, enquanto promotora do cuidado, reconhece a importância da música como uma forma de terapia integrativa para crianças com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA). Ao aplicar a música como parte do cuidado terapêutico, os enfermeiros não devem se limitar a estilos musicais específicos, mas sim permitir que a criança escolha, desde que tenha autonomia, visando o seu bem-estar. É fundamental compreender que os resultados da musicoterapia no tratamento do TEA são positivos e inovadores, utilizando a música como uma ferramenta terapêutica auxiliar. Nesse sentido, é importante que enfermeiros e outros profissionais de saúde trabalhem em colaboração com musicoterapeutas para melhorar o prognóstico dos pacientes com autismo. A música tem a capacidade de atingir a psique humana de diversas formas, causando alterações no humor e proporcionando terapia de forma sutil e imperceptível para a criança, trazendo benefícios para pessoas com TEA e facilitando o processo de tratamento, juntamente com seus cuidadores, familiares e profissionais de saúde, resultando em uma melhora na qualidade de vida. Essa abordagem terapêutica alternativa oferece oportunidade de atender às necessidades do paciente, capacitando-o a promover mudanças em sua qualidade de vida (SOUSA *et al.*, 2023).

Além do musicoterapeuta, profissionais de diferentes áreas podem utilizar essa terapia em diversos ambientes, como hospitais, clínicas, unidades básicas de saúde, escolas, espaços públicos e na comunidade em geral. Isso possibilita uma abordagem multidisciplinar que amplia as opções de atendimento e promove uma maior acessibilidade aos benefícios da terapia musical (ARNDT; VOLPI, 2016). Essa modalidade terapêutica alternativa tem a capacidade de atender às necessidades do paciente, proporcionando-lhe autonomia e habilidades para promover mudanças na qualidade de vida. Além do musicoterapeuta, profissionais de diversas áreas podem utilizar essa abordagem em diferentes ambientes, como hospitais, clínicas, unidades básicas de saúde, escolas, espaços públicos ou na comunidade em geral. Isso possibilita uma abordagem multidisciplinar no uso da terapia musical como recurso terapêutico.

4.3 Terapia Sensorial

A terapia sensorial é uma abordagem terapêutica alternativa amplamente utilizada no tratamento do Transtorno do Espectro do Autismo (TEA). Essa abordagem tem como objetivo ajudar as pessoas com TEA a regular e processar sensações sensoriais de forma adequada. A terapia sensorial pode envolver atividades como estimulação tátil, proprioceptiva e vestibular, utilizando materiais e técnicas específicas para promover a autoregulação sensorial. Estudos mostraram benefícios da terapia sensorial, como redução de comportamentos problemáticos e melhorias na atenção, no processamento sensorial e no comportamento adaptativo em indivíduos com TEA (REYNOLDS *et al.*, 2017).

A terapia sensorial é uma abordagem que visa ajudar os indivíduos com TEA a regular suas sensações sensoriais. Pode envolver o uso de atividades sensoriais, como tocar e manipular diferentes texturas, estimulação tátil e vestibular, além de proporcionar um ambiente calmo e seguro. Estudos demonstraram que a terapia sensorial pode ajudar a melhorar a autoregulação, a coordenação motora e o processamento sensorial em indivíduos com TEA. Estudos como o de Pfeiffer *et al.* 2018 menciona que a terapia sensorial pode reduzir o comportamento agressivo em crianças com TEA. Outro estudo, como o de Schneider *et al.* (2019) destacaram a eficácia da terapia sensorial em melhorar as habilidades motoras e a integração sensorial em crianças com TEA. Além dos citados, uma revisão sistemática de Palazzi *et al.*, 2021 analisou diversos estudos e concluiu que a terapia sensorial é uma intervenção promissora no manejo dos sintomas sensoriais dessas crianças.

4.4 Natação

A natação é considerada uma opção relevante de atividade física para indivíduos autistas, devido ao seu potencial significativo para o desenvolvimento psicomotor em todas as pessoas, independentemente de sua condição. Além de aprimorar as capacidades físicas, a natação também tem um impacto positivo no aspecto socioafetivo. A prática desse esporte não se limita exclusivamente a execução dos movimentos específicos de cada estilo de nado, mas enfatiza a estimulação infantil por meio de atividades lúdicas. Essas atividades lúdicas desempenham um papel importante no desenvolvimento das habilidades motoras e perceptivas, permitindo que as crianças explorem seu corpo de forma divertida no

ambiente aquático (MONTEIRO *et al.*, 2020). A participação de crianças com Transtorno do Espectro Autista na prática da natação tem efeitos expressivos, tanto no desenvolvimento quanto no aprimoramento da coordenação motora. Além disso, a natação tem sido associada à melhora da orientação espacial, lateralidade e equilíbrio. Esses benefícios são atribuídos ao ambiente aquático, que permite que as crianças autistas adquiram conhecimento sobre seu próprio corpo e sobre o espaço ao seu redor (PEREIRA; ALMEIDA, 2017). No entanto, é importante destacar que a natação ainda não é amplamente recomendada como uma modalidade de intervenção para crianças com TEA. Embora seja reconhecida como uma ferramenta valiosa no combate ao sedentarismo e no aprimoramento do desenvolvimento psicomotor em crianças com TEA é necessário promover uma maior conscientização sobre os benefícios da natação e incentivar a inclusão dessa modalidade essas crianças.

5 ATUAÇÃO DA ENFERMAGEM FRENTE A CRIANÇA COM TEA

Cuidar de uma criança com autismo é considerado uma atividade da enfermagem, exigindo observação cuidadosa das necessidades dos outros e compreensão dos sinais emitidos. Portanto, os serviços prestados pela equipe de enfermagem visam buscar um cuidado de qualidade, educar integralmente os familiares sobre o autismo e desenvolver planos de tratamento adequados com as características únicas de cada criança e adolescente, para trazer qualidade de vida (BONFIM, 2018; BONFIM, 2018; HOPF; MADREN; SANTIANNI, 2016).

O desconhecimento sobre o TEA entre enfermeiros e equipes de saúde é bastante preocupante, dada a abordagem mínima do tema na graduação, ressaltando a importância da educação continuada regularmente, minimizando falhas no processo de recebimento e acesso ao tratamento. Os enfermeiros têm enfrentado grandes dificuldades na detecção de sinais de TEA, devido à má formação acadêmica desses profissionais e à abordagem inadequada desse problema na educação (GIARELLI *et al.*, 2012; BROWN *et al.*, 2014).

A supervisão em ambiente hospitalar pode desencadear uma série de acontecimentos em crianças e adolescentes, como choro, irritabilidade, crises emocionais, que podem representar desafios para os profissionais da saúde, enfatizaram os enfermeiros que estarão na linha de frente com os pacientes. Fatores

ambientais influenciam no diagnóstico do TEA, principalmente nível socioeconômico, pais com certas comorbidades, cuidados maternos reduzidos durante a gravidez, existem alguns fatores influenciam de forma direta e indiretamente, quando crescem, muitas vezes apresentam um alto nível de privatização, fazendo com que sua condição e seu prognóstico piorem (BONFIM, 2018).

A enfermagem também contribui com a nutrição, enfatizando que as crianças com TEA são seletivas alimentares, permitindo ao especialista identificar estratégias para melhorar o estado nutricional, atentando-se às alterações gastrointestinais, proporcionando criar opções saudáveis mais viáveis para os pais. A higiene é muitas vezes um desafio, talvez por não gostar do cheiro de determinados produtos ou por falta de informação. É neste momento que os enfermeiros enfatizam a importância da higienização oral e até da simples lavagem das mãos, explicando as consequências da falta de higiene, incentivando sempre a independência da pessoa (BARBOSA, NUNES, 2019; BONFIM, 2018).

Sinais de autismo ainda são facilmente confundidos com retardo mental. O TEA não tem cura, mas quanto mais cedo o diagnóstico for realizado, mais eficaz será o tratamento e uma ótima porta de entrada para encontrar um diagnóstico são as Unidades Básicas de Saúde. Um dos profissionais responsáveis pelo acolhimento nas unidades da Estratégia Saúde da Família (ESF) e Unidades Básicas de Saúde (UBS) são os enfermeiros, onde desenvolvem consultas de enfermagem que contribuem para cuidar melhor da saúde da família (BONFIM, 2018; HOPF; MADREN; SANTIANNI, 2016).

A necessidade de conhecimento especializado sobre o assunto é de extrema importância nas consultas, para que comportamentos e sintomas possam ser observados, e as informações possam ser interpretadas e comunicadas à família, facilitando o encaminhamento ao especialista para avaliação, contribuindo assim para o tratamento precoce da condição. Portanto, para proporcionar assistência e supervisão de qualidade a esses usuários, o preparo e a qualificação dos profissionais de enfermagem são essenciais. Com maior conhecimento, os enfermeiros tornam-se excelentes intermediários entre as famílias e os médicos, facilitando o diálogo e a comunicação dentro da equipe multidisciplinar (PINTO *et al.*, 2016; SEIZE, BORSA, 2017).

É extremamente importante que os enfermeiros conheçam os sinais e sintomas para que possam aconselhar sobre como abordar e apoiar o tratamento

imediatos. Os familiares acabam sofrendo com a falta de informação sobre a condição, o que gera sentimento de culpa (ZANOLA *et al.*, 2020)

A atuação dos enfermeiros na detecção precoce de sinais e sintomas do TEA ainda apresenta dificuldades decorrente ao pouco conhecimento que ainda prevalece sobre o assunto. Também, a formação acadêmica ainda permanece falha com relação ao tema, pois oferece precário conhecimento sobre o tema e pouco incentivo em educação e vivência prática junto a essas crianças (NASCIMENTO *et al.*, 2018). A educação permanente aos profissionais atuantes e, também, aos acadêmicos no sentido de observar sinais e sintomas, além da utilização de intervenções e alternativas terapêuticas possibilitam melhora na saúde mental, além de favorecer um prognóstico mais satisfatório.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após analisar todo o material utilizado como base bibliográfica para desenvolver este trabalho, foi possível concluir que os profissionais da enfermagem possuem um papel de extrema importância tanto auxiliando a identificar possíveis pacientes autistas e os encaminhando para que um médico possa realizar o diagnóstico definitivo como também servindo como elo entre os pacientes/familiares com as equipes multidisciplinares.

Também foi possível concluir que é urgente a necessidade de que os profissionais da enfermagem invistam em capacitações para poderem lidar da melhor maneira possível com os pacientes autistas, uma vez que este tema é abordado de forma escassa durante a graduação.

Recomenda-se a realização de mais estudos acerca da enfermagem diante de pacientes autistas pediátricos, em especial a realização de pesquisas avaliando o nível de conhecimento destes profissionais acerca deste grupo de pacientes.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, P. A. S.; NUNES, C. R. A relação entre o enfermeiro e a criança com transtorno do espectro do autismo. **Linkscienceplace**. Rio de Janeiro, v. 6, n. 3, p. 1-18, 2019. Disponível em: <http://revista.srvroot.com/linkscienceplace/index.php/linkscienceplace/article/view/718>. Acesso em: 20 abr. 2022.
- BONFIM, T. A. *et al.* Vivências familiares na descoberta do Transtorno do Espectro Autista: implicações para a enfermagem familiar. **Rev. Bras. Enferm.** Brasília, v. 73, suppl 6, p.1-9, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/cpkwQJQP8kccvs8zN4LgHCH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 jun. 2022.
- BRASIL. **Lei n. 12.764, de 27 de dezembro de 2012.** Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2012. Seção 1, p. 2. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2012/lei-12764-27-dezembro-2012-774838-norma-pl.html>. Acesso em: 20 set. 2022.
- BRASIL. **Portaria n. 849, de 27 de outubro de 2017.** Inclui a Arteterapia, Ayurveda, Biodança, Dança Circular, Meditação, Musicoterapia, Naturopatia, Osteopatia, Quiropraxia, Reflexoterapia, Reiki, Shantala, Terapia Comunitária Integrativa e Yoga à Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares. Brasília, DF, 2017. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prt0849_28_03_2017.html. Acesso em: 15 maio 2023.
- BRASIL. **Lei nº 13.861, de 18 de julho de 2019.** Altera a Lei nº 7.853, de 24 de outubro de 1989, para incluir as especificidades inerentes ao transtorno do espectro autista nos censos demográficos. Brasília, DF, 2019. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/L13861.htm. Acesso em: 28 out. 2022.
- CARVALHO, F. S. S.; MOURA, M. E. B.; SOUSA, T. V.; FILHO, I.M.M. Lugar da enfermagem é onde ela puder e souber atuar: Contribuições na atenção a pessoas no Espectro Autista. **Revisa**. Valparaíso de Goiás, GO. v. 10, n. 3, p. 458-60, mar. 2021. Disponível em: <http://revistafacesa.senaaires.com.br/index.php/revisa/article/view/758/662>. Acesso em: 15 mar. 2023.
- CERQUEIRA, C. T. C; COSTA, C. L. A. Atuação da equoterapia no transtorno do espectro autista. **Revista Ciência e conhecimento**. Belo Horizonte. v. 19, n. 2. 2019. Disponível em: <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/saude/atuacao-equoterapia-no-transtorno-espectro-autista.htm>. Acesso em: 25 abr. 2023.
- CORREA, I. S.; GALLINA, F.; SCHULTZ, L. F. Indicadores para triagem do transtorno do espectro autista e sua aplicabilidade na consulta de puericultura:

conhecimento das enfermeiras. **Revista de APS**, Juiz de Fora, v. 24, n. 2, p. 282-95, maio. 2021. Disponível em:
<https://periodicos.ufjf.br/index.php/aps/article/view/32438>. Acesso em: 22 mar. 2023.

HOPF, K. P.; MADREN, E.; SANTIANNI, K. A. Use and Perceived Effectiveness of Complementary and Alternative Medicine to Treat and Manage the Symptoms of Autism in Children: A Survey of Parents in a Community Population. **The Journal of Alternative and Complementary Medicine**. p. 25-32. Disponível em:
<http://doi.org/10.1089/acm.2015.0163>. Acesso em: 15 maio 2023.

LAMPREIA, C.; OLIVEIRA, S. M. Intervenção no autismo baseada na musicoterapia de improvisação e no modelo dir-floortime. **Revista InCantare**. Curitiba. v. 8. n. 1, p. 68-86. Disponível em:
https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/incantare/article/download/1804/pdf_80/5319. Acesso em: 10 ago. 2023

LOPES, J. *et al.* Efetividade da equoterapia na marcha de crianças com paralisia cerebral: Revisão sistemática de ensaios clínicos. **Revista Brasileira de Neurologia**. Rio de Janeiro. v. 55. n. 1, p. 25-34. 2019. Disponível em:
<https://docs.bvsalud.org/biblioref/2019/04/994734/revista551v2-artigo4.pdf>. Acesso em: 15 maio 2023.

MACHADO, M. S.; LONDERO, A. D.; PEREIRA, C. R. R. Tornar-se família de uma criança com Transtorno do Espectro Autista. **Contextos Clínicos**, Santa Maria. v. 11, n. 3, p. 335-350, set./dez. 2018. Disponível em:
<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cclin/v11n3/v11n3a06.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2023.

MAIA, F. A. *et al.* Importância do acolhimento de pais que tiveram diagnóstico do transtorno do espectro do autismo de um filho. **Cad Saúde Colet.**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 228-234, fev. 2016. DOI: 10.1590/1414-462X201600020282. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/cadsc/a/n6ZpCNpT9cSjLWVxVvVrYMr/?format=pdf&lang=pt>
 Acesso em: 20 mar. 2023.

MONTEIRO, C.E.L. *et al.* Efeitos da natação em pessoas com transtorno do espectro autista: percepção de pais e terapeutas. **Revista Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada**, Marília, v. 22, n. 2, p. 279-90. 2020 Disponível em:
<https://revista-teste.marilia.unesp.br/index.php/sobama/article/download/10746/6981>. Acesso em: 15 ago. 2023

NASCIMENTO, Y. C. M. L. *et al.* Transtorno do espectro autista: detecção precoce pelo enfermeiro na estratégia saúde da família. **Revista Baiana de Enfermagem**, Salvador, v. 32, p.1-12, 2018. Disponível em:
<https://periodicos.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/25425>. Acesso: 15 ago. 2023.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE – OPAS, **Folha informativa** – Transtornos do espectro autista. Brasília, DF, 2017. Disponível em:

<https://www.paho.org/pt/search/r?keys=folha+informativa+transtornos+do+espectro+autista+Brasil> Acesso em: 10 jun. 2022.

PALAZZI, A; MESCHINI, R; PICCININI, C.A. NICU music therapy effects on maternal mental health and preterm infant's emotional arousal. **Infant Mental Health Journal**. v. 5, n. 5, p. 672-89, 2021. Disponível em: https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/imhj.21938?casa_token=z0-aTID_phAAAAAA:Onlf6LeKcuqCCiyM3EvFzb9aYPMCZHn_1FPoy0Y8WjP1vmulbwxUQEds-md_3a-WacRDCfS4JKy5dOeP. Acesso em: 21 set. 2023.

PFEIFFER, B.; CLARK, G. F.; ABERSMAN, M. Effectiveness of cognitive and occupation-based interventions for children with challenges in sensory processing and integration: a systematic review. **The American Journal of Occupational Therapy**. v. 72, n.1, p. 1- 9. 2017. Disponível em: <https://research.aota.org/ajot/article-abstract/72/1/7201190020p1/6397/Effectiveness-of-Cognitive-and-Occupation-Based>. Acesso em: 25 ago. 2023.

PFEIFFER, B *et al.* Using a multifaceted approach to working with children who have differences in sensory processing and integration. **The American Journal of Occupational Therapy**. v. 71, n.1, p. 1-10. 2017. Disponível em: <https://research.aota.org/ajot/article-abstract/71/2/7102360010p1/6301/Using-a-Multifaceted-Approach-to-Working-With>. Acesso em: 15 jul. 2023.

PEREIRA, D. A. A.; ALMEIDA, A. L. Processos de adaptação de crianças com transtorno do espectro autista à natação: um estudo comparativo. **Revista educação especial em debate**, v. 2, n. 4, p. 79–91. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/reed/article/view/18776>. Acesso em: 15 jul. 2023.

PINTO, R. N. M. *et al.* Autismo infantil: impacto, diagnóstico e repercussões nas relações familiares. **Rev. Gaúcha de Enfermagem**, v. 37, n. 3, p. 1-9. set. 2016. Disponível em: [https://www.scielo.br/pdf/rgenf/v37n3/0102-6933-rgenf-](https://www.scielo.br/pdf/rgenf/v37n3/0102-6933-rgenf-2022) 2022. Acesso em 20 maio 2022.

SANTOS, R. F. dos *et al.* Terapia Assistida por Animais (TAA) em crianças com transtorno do espectro autista atendidas pelo Centro de Atenção Psicossocial. Disponível em: **Research, Society and Development**, Uberlândia, v. 9, n. 9, e 5612139267, 2020. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/8060>. Acesso em: 15 abr. 2023.

SCHMIDT, C. Transtorno do Espectro Autista: onde estamos para onde vamos. **Rev. Psicologia em Estudo**, Santa Maria, v. 22, n. 2, p. 221- 230, abr./ jun., 2017. Disponível em: [PsicolEstud/article/view/34651/pdf](https://psicolEstud/article/view/34651/pdf). Acesso em: 14 mar. 2023.

SCHNEIDER, A *et al.* A randomized controlled trial of sertraline in young children with autism spectrum disorder. **Frontiers in psychiatry**. v.10, nov. 2019. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpsy.2019.00810/full>. Acesso em: 10 set. 2023.

SEIZE, M. M.; BORSA, J. C. Instrumentos para Rastreamento de Sinais Precoces do Autismo: revisão sistemática. **Psico-Usf**, Itatiba, v. 22, n. 1, p. 161-176, jan./abr., 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psuf/a/DmJB3M7FMTYZqXHRRKDtchm/?format=pdf>. Acesso em: 16 jun. 2022.

SILVA, A. M. S.; LIMA, F. P. S.; SALLES, R. J. Vínculo afetivo de crianças autistas na equoterapia: uma contribuição de Winnicott. **Boletim Academia Paulista de Psicologia**. São Paulo. v. 38, n. 95, p. 238-250. 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1415-711X2018000200011&script=sci_arttext. Acesso em: 16 jun. 2023.

SOUSA, S. M. *et al.* Musicoterapia, Enfermagem e Saúde Mental no Transtorno do Espectro Autista: uma Revisão Integrativa. **Revista Científica Multidisciplinar**. São Paulo v. 4, n. 4, p. 1-16. 2023. Disponível em: <https://recima21.com.br/index.php/recima21/article/view/3011/2191>. Acesso em: 15 jul. 2023

SOUZA, V. M. O uso de terapias complementares no cuidado à criança autista. **Revista Saúde física e mental**. Belford Roxo, RJ. v. 6, n. 2, 2018. Disponível em: <https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/SFM/article/view/3495>. Acesso em: 10 jun. 2023.

VILAR, A. M. A. *et al.* Transtornos Autísticos e Estratégias Promotoras de Cuidados: Revisão Integrativa. **Rev Baiana Enferm**, Salvador, v. 33, p. 1-15. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/28118/18214>. Acesso em: 25 mar. 2023.

ZANOLA, T. A. *et al.* Adaptação cultural e evidência de validade de instrumento para o exame morfológico aplicado à crianças com TEA. **Rev. Paulista de Pediatria**, São Paulo, v. 38: e 2018318, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rpp/a/W6z7LZ4h7B9W8gjdTtsWFg/>. Acesso em: 15 jun. 2022.

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA**Autor Orientando:**

Nome completo: Washington Davi Silva

Endereço: Rua Major Gote, n. 1408, Centro, Patos de Minas

Telefone de contato: (34)99630-8101

Email: washington08913@alunofpm.com.br

Autor Orientador:

Nome completo: Marlene Aparecida Lopes Ferreira Del Ducca

Endereço: Rua Major Gote, n. 1408, Centro, Patos de Minas

Telefone de contato: 34 99948 3057

Email:marlene.delducca@faculdadepatosdeminas.edu.br

DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Patos de Minas, 23 de novembro de 2023

Washington Davi Silva



Marlene Aparecida Lopes Ferreira Del Ducca

DECLARAÇÃO DAS DEVIDAS MODIFICAÇÕES EXPOSTAS EM DEFESA PÚBLICA

Eu Washington Davi Silva, matriculado sob o número 08913 da FPM, DECLARO que efetuei as correções propostas pelos membros da Banca Examinadora de Defesa Pública do meu TCC intitulado: A ENFERMAGEM NA ASSISTÊNCIA A CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: possibilidades de atuação e relação.

E ainda, declaro que o TCC contém os elementos obrigatórios exigidos nas Normas de Elaboração de TCC e também que foi realizada a revisão gramatical exigida no Curso de Graduação em Enfermagem da Faculdade Patos de Minas.

Washington Davi Silva
Graduando Concluinte do Curso

DECLARO, na qualidade de Orientador(a) que o presente trabalho está **AUTORIZADO** a ser entregue na Biblioteca, como versão final.



Marlene Aparecida Lopes Ferreira Del Ducca
Professor(a) Orientador(a)